

ESPOROTRICOSE FELINA: RELATO DE CASO

RICARDO IMBERT ROMAN MACEDO ANAZARIO¹; LINDA ROMERO GAMA²;
ANDRESSA QUEVEDO DE BRITTO³; ISADORA DUARTE PEREIRA⁴; GABRIELA
LADEIRA SANZO⁵; RENATA OSÓRIO DE FARIA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – ricardo.imbert4@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lromerogama@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – qbandressa@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – isadoraapd@outlook.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – sanzogabi@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – renataosoriovet@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea de implantação, com curso subagudo ou crônico causada por espécies de fungos dimórficos do Complexo *Sporothrix*, atingindo tanto humanos quanto animais. A doença veio a se tornar um sério problema de saúde pública por conta do aumento significativo de casos nos últimos anos no Brasil (RODRIGUES, 2022). Sua distinção morfológica age em função da temperatura, sendo que este no ambiente a 25°C está na forma filamentosa e no animal, causando a enfermidade, faz a transição para a forma de levedura em temperaturas em torno de 37°C. Embora seja uma micose universal, acomete especialmente regiões de clima tropical e subtropical, sendo a micose subcutânea mais presente na América latina (LARSSON, 2011).

Sporothrix brasiliensis é a principal espécie relacionada a doença no Brasil, sendo a mais patogênica entre todas. A transmissão da doença se faz através da inoculação traumática, por mordeduras e arranhaduras de animais infectados, sendo em menores casos por inoculação do agente presente na terra ou vegetais em decomposição. Os felinos atuam como protagonistas na incidência e transmissão da doença, principalmente machos não castrados e de acesso a rua, por terem hábitos territorialistas, resultando em brigas, além do fato de afiarem suas unhas nos troncos de árvores (CAVALCANTI, 2018, RODRIGUES, 2016). A forma clínica de manifestação da doença depende do tamanho do inóculo, da profundidade da ferida e da imunidade do hospedeiro e suas formas patogênicas são definidas como: cutânea fixa/localizada, cutânea linfática e cutânea disseminada/sistêmica. (BARROS, 2010).

Em relação ao tratamento, existem poucos medicamentos antifúngicos orais disponíveis para a esporotricose em felinos. Na prática clínica, o itraconazol e o iodeto de potássio são os fármacos mais frequentemente utilizados no tratamento, sendo o itraconazol a opção preferencial, tendo a sua monoterapia com eficácia comprovada (DE SOUZA, et al. 2018). Entretanto, existem práticas terapêuticas que podem ser associadas ao tratamento, como o uso da ozonioterapia, que se mostra eficaz contra a esporotricose, devido a sua propriedade fungicida, analgésica e antiinflamatória (SAMPAIO, 2023).

Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de um felino com esporotricose, avaliando seu histórico clínico até o desfecho do diagnóstico e tratamento medicamentoso, associando a ozonioterapia como terapia complementar.

2. METODOLOGIA

No dia 28 de junho de 2023, um felino, macho, não castrado, com aproximadamente seis anos de idade, sem raça definida, errante, apresentando lesões decorrentes de mordedura após um ataque de cães foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPeI), localizado no município de Capão do Leão- RS.

Na primeira consulta, quando realizado o exame clínico, observou-se múltiplas lesões com características ulcerativas e erosivas, localizadas no terço médio da face, abdome, membro posterior esquerdo e cauda, conforme demonstrado na figura 1.

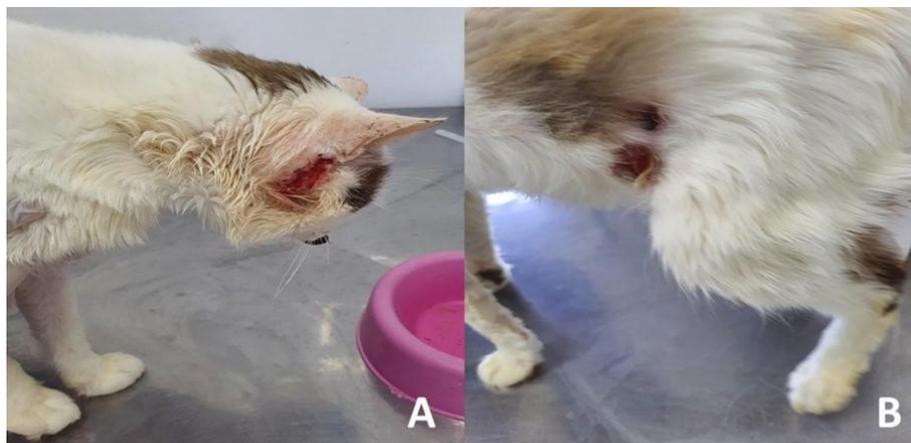


Figura 1: Lesões no terço médio da face (A) e abdômen (B) em felino após ataque de cães. Fonte: HCV-UFPeI

Entretanto, não houve resposta ao tratamento e essas lesões não cicatrizaram ao decorrer de quase quatro semanas, levantando-se a hipótese de ser esporotricose. No dia 25 de julho, foi realizada a coleta de secreção das lesões localizadas na orelha, cauda e membro posterior com o auxílio de *swab* estéril, após ter sido feita a antisepsia do local com solução fisiológica. Em seguida, o material foi identificado e encaminhado para análise no Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária (MicVet), da Faculdade de Veterinária - Universidade Federal de Pelotas (UFPeI).

No laboratório o exame citológico direto da amostra foi realizado através de esfregaço com *swab* em lâmina de vidro, e então corada com coloração de Gram, com objetivo de observar leveduras no microscópio óptico com aumento de 100x. A amostra foi semeada em duas placas, uma contendo Ágar Sabouraud Dextrose acrescido de Cloranfenicol e outra com Ágar Sabouraud Dextrose acrescido com Cicloheximida (Mycosel®), ambas foram incubadas, em temperaturas de 37°C e 25°C, respectivamente, para confirmação do dimorfismo do *Sporothrix* spp.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das amostras colhidas do felino no HCV-UFPeI, foi realizado o exame direto, isolamento fúngico e posteriormente o exame microscópico da colônia. No exame direto foi possível observar leveduras, compatíveis com *Sporothrix* spp., entretanto vale ressaltar que somente o exame citológico não define diagnóstico

de certeza de esporotricose, que se dá a partir do isolamento do fungo em cultura (SILVA et al. 2015).

Após nove dias do cultivo fúngico, na placa incubada a 37°C, foi observada a presença de colônias leveduriformes, de coloração creme e consistência cremosa. Para observação da fase leveduriforme a lâmina foi corada com cristal violeta e observada em aumento de 100x, com óleo de imersão. Na placa incubada a 25°C, foram isoladas colônias filamentosas, enegrecidas compatíveis com *Sporothrix* spp. Foi realizado o exame microscópico da colônia filamentosa com coloração de lactofenol-azul de algodão e observada em aumento de 40x, confirmando-se o diagnóstico de esporotricose. A cultura fúngica é considerada o “padrão ouro” para esporotricose, fornecendo um diagnóstico de certeza com alta sensibilidade (SCHUBACH, 2004)

Devemos chamar atenção para o fato de que a suspeita de Esporotricose só ocorreu após 28 dias do atendimento do felino, devido a observação de piora das lesões, que não cicatrizavam apesar do tratamento com antibacterianos. O histórico clínico enfatiza a necessidade de um rápido diagnóstico para a esporotricose, que deve ser considerada como um diagnóstico diferencial em lesões ulceradas, especialmente na região da face e cauda. Segundo Xavier e colaboradores (2021), a doença deve ser considerada como diagnóstico diferencial, principalmente em animais errantes com lacerações cutâneas e sem histórico prévio, que chegam por outras causas, como por exemplo traumas.

Ademais, o exemplo do felino destaca que os gatos são os principais afetados e disseminadores da doença, o que implica na necessidade de profissionais da saúde pública adotarem medidas mais intensas de proteção, utilizando equipamento de Proteção Individual (EPI) e cuidados no manejo para evitar a transmissão zoonótica da doença, além da orientação aos tutores e população em geral.

Foi observada uma melhora rápida e significativa no paciente devido ao tratamento realizado com itraconazol associado à ozonioterapia, destacando a eficácia da associação de recursos terapêuticos com a medicação de escolha. Neste caso, a ozonioterapia agiu de forma eficaz na cicatrização das feridas, potencializando a restauração tecidual, ressaltando a importância de considerar abordagens terapêuticas complementares ao tratamento da esporotricose.

4. CONCLUSÕES

O relato de caso evidencia a necessidade de considerar a esporotricose como diagnóstico diferencial em animais com lesões ulceradas, que chegam para atendimento clínico emergencial por qualquer causa e sem histórico prévio, principalmente em regiões endêmicas para a doença. O diagnóstico precoce, a instituição da terapia adequada, a informação e orientação dos tutores sobre a enfermidade e o manejo adequado diminuem a disseminação do fungo, além de melhorar o prognóstico.

É essencial estabelecer uma relação colaborativa entre médicos, médicos veterinários e órgãos públicos, juntamente com a população, para combater com eficácia essa enfermidade. Isso se deve ao fato de que ainda hoje existe uma lacuna significativa no diagnóstico e nas orientações gerais sobre o tratamento da mesma.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARO, Maria Cristina de Oliveira. **Caracterização de isolados clínicos de *Cryptococcus neoformans* e *Cryptococcus gattii* quanto à susceptibilidade a fluconazol**. 2006. 80 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Celular e Molecular) Centro de Biotecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BARROS, Monica Bastos de Lima et al. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010.
- CAVALCANTI, Eduarda Aléxia Nunes Louzada Dias et al. **Esporotricose: Revisão**. Pubvet , v. 133, 2018.
- CALHEIROS, André Sampaio et al. **ASSOCIAÇÃO DA OZONIOTERAPIA COM INTRACONAZOL PARA TRATAMENTO DAS LESÕES DE ESPOROTRICOSE FELINA: RELATO DE CASO**. Veterinária e Zootecnia, v. 30, p. 1-6, 2023.
- DE SOUZA, Elaine Waite et al. **Características clínicas, carga fúngica, coinfeções, alterações histológicas da pele e resposta ao tratamento com itraconazol em gatos com esporotricose causada por *Sporothrix brasiliensis***. Relatórios científicos , v. 8, n. 1, pág. 9.074, 2018.
- JESSICA, N. et al. **Avaliação da acurácia diagnóstica do exame citopatológico da esporotricose felina**. Micologia médica , v. 53, n. 8, pág. 880-884, 2015.
- LARSSON, CE **Esporotricose**. Revista Brasileira de Pesquisa Veterinária e Zootecnia , São Paulo v. 3, pág. 250-259, 2011. Acesso em: 21 set. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/bjvras/article/view/34389>.
- RODRIGUES, Anderson Messias; DE HOOG, G. Sybren; DE CAMARGO, Zoilo Pires. **Espécies de *Sporothrix* causando surtos em animais e humanos causados pela transmissão animal-animal**. Patógenos PLoS , v. 7, pág. e1005638, 2016.
- SCHUBACH, Tânia MP et al. Avaliação de uma epidemia de esporotricose em gatos: 347 casos (1998–2001). **Jornal da Associação Médica Veterinária Americana** , v. 10, pág. 1623-1629, 2004.
- SILVA, Margarete Bernardo Tavares da et al. Esporotricose urbana: epidemia negligenciada no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 1867-1880, 2012.
- RODRIGUES, Anderson Messias et al. **Progresso atual em epidemiologia, diagnóstico e tratamento da esporotricose e suas tendências futuras**. Revista de Fungos , v. 8, n. 8, pág. 776, 2022.
- XAVIER, José Raphael Batista et al. **Surto de esporotricose humana causado por *Sporothrix brasiliensis* em um hospital veterinário no sul do Brasil**. Revista de Micologia Médica , v. 3, pág. 101163, 2021.